

CANTANDO A RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE HISTÓRICA DA CORPOREIDADE AFRO NAS NARRATIVAS MUSICAIS

Eloara dos Santos Cotrim¹, Delton Aparecido Felipe²

¹Pesquisadora na área de História, Campus Maringá/PR, Universidade Estadual de Maringá – UEM. PIC.
eloara_santos@hotmail.com

²Orientador, Pós-Doutor, Doutor, Mestre e professor associado da Universidade Estadual de Maringá, Departamento de História – UEM. Pesquisador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares Afro-Brasileiros da Universidade Estadual de Maringá (NEIAB-UEM).
ddelton@gmail.com

RESUMO

A música é um produto cultural que marca diferentes períodos da história, sendo um meio de orientação no tempo e no espaço e pode ser instrumento na percepção das mobilidades sociais e marcos históricos. Como fonte documental na historiografia, é uma alternativa na construção de narrativas elaboradas e protagonizadas por sujeitos diversos. Este texto tem como objetivo apresentar os resultados de uma Iniciação Científica que objetivou analisar músicas cantadas por mulheres negras brasileiras. A pesquisa teve por base contextualizar a história da música protagonizada por homens e mulheres negras nos Estados Unidos e no Brasil. As letras que foram utilizadas como fonte nesta pesquisa foram “Menina Pretinha” (2016), “Minha Rapunzel tem Dread” (2016) e “Barbie Black” (2018) todas cantadas por Mc Soffia (2004, 17 anos). As narrativas de Karol Conká, Tássia Reais, Stefanie e Drik Barbosa, também foram trabalhadas na pesquisa. Nas análises foi possível identificar como estas músicas se encontram dentro de uma construção de identidade, ancoradas em uma memória coletiva protagonizada por mulheres negras brasileiras. Foi concluído que as narrativas musicais por meio do seu som e letra permitem compreender vivências de mulheres negras como sujeitos, por suas próprias vozes e sonoridades, para além dos documentos escritos que geralmente atendem os grupos dominantes e normativos.

PALAVRAS-CHAVE: História da música negra; Rap feminino negro; Mulheres negras.

1 INTRODUÇÃO

A possibilidade de utilizar narrativas musicais como documentos e fontes históricas trouxe para as discussões acadêmicas assuntos que não eram possíveis de serem discutidos. Visto que documentos considerados oficiais, geralmente destacavam pontos de vistas de quem tem o local de fala, produção e debate acadêmico. Já que, a maioria dos documentos históricos são produzidos por homens brancos de classe média alta, a grande maioria dos textos que se tratou sobre raça e gênero foram escritos por eles. Desta maneira, as mulheres negras apareciam nestas pesquisas apenas como objetos de estudo, destituídas muitas vezes de humanidade ou de lugar para narrar a si. Por isso, utilizar fontes históricas produzidas e protagonizadas por mulheres negras se faz um caminho alternativo e em confronto com métodos científicos centrados nos privilégios da branquitude. A história da música negra nesta iniciação científica se concentrou nos Estados Unidos e no Brasil. Visto a importância que o movimento negro por meio da música causou na história desses países e na identidade destas populações. Após contextualizar sobre a qual história da música estamos a falar, passando pelo Blues, Jazz, Rock e o Samba brasileiro, será possível refletir a origem e trajetória do Rap dentro do Hip Hop. O Movimento do Rap, protagonizado por mulheres negras se faz importante para perceber como ele foi instrumento de reivindicação de direitos por parte movimento negro. Bem como, ainda é um meio de ilustrar narrativas de mulheres negras em suas diferentes posições sociais.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

No campo histórico, mulheres negras foram e continuam sendo protagonistas de grandes revoluções e acontecimentos. A música foi somente um dos instrumentos que elas utilizaram para defender suas causas, se mostrarem ao mundo e cantarem suas vidas. Por

isso, esta pesquisa que busca refletir sobre a corporaniedade negra se debruçou sob fontes musicais de mulheres negras. O caminho teórico metodológico escolhido se localiza nos debates interseccionais entre raça, classe, gênero e vivências LGBTQIA+. Objetivando, portanto, perceber como as músicas aqui relatadas expressão histórias de vida, ressaltando a trajetória do corpo negro feminino em diferentes contextos sociais.

Nessa iniciação científica as fontes escolhidas foram as músicas de rappers brasileiras, com ênfase na trajetória de Mc Soffia (2004). A fonografia da Mc Soffia é composta por quatro singles, que tratam em suma sobre a problematização das representações do corpo negro no Brasil. Em acréscimo outras artistas como Drik Barbosa e Karol Conka serão evidenciadas para pensar como mulheres negras utilizam a linguagem do rap para contar suas histórias e representar uma vivência coletiva. Para realizar este exercício, primeiramente será discutido a inserção da música como fonte histórica. Para então ser possível localizar os marcos históricos e a construção da música negra nos Estados Unidos e no Brasil. Com o fim de elencar como a música impactou na construção de identidade, subjetividade e representatividade de homens e mulheres negras. Por fim, será feita uma análise da música entoada por mulheres negras, de modo a refletir sobre as categorias da realidade que elas operacionalizam por meio do rap.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Hip-Hop, em foco nesta iniciação científica, é um movimento cultural e não apenas um estilo de música. Segundo Ana Lucia Silva Souza (2020), mulher negra pós doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília, o Hip-Hop, para muito além da expressão inglesa hip (balançar) e hop (quadril), pode ser compreendido como um movimento social juvenil urbano. Integrado ao segmento populacional de baixo poder aquisitivo, em maioria negra e jovem, que historicamente alcançou impacto nos Estados Unidos a partir do final da década de 1970. Ainda hoje o universo Hip-Hop é marcado pela reflexão e crítica que faz em relação às desigualdades sociais e raciais por meio da poesia, gestos, falas, leituras, escritas e imagens que tomam forma pela expressividade. Sendo o Rap parte da cultura Hip-Hop, ser rapper significa, então, possuir um caráter contestatório e propositivo que tematizam, do ponto de vista político, as precárias condições de vida de grande parte da população. Estar e ser da cultura Hip-Hop significa, portanto, disseminar as narrativas do cotidiano ao mostrar como vivem as pessoas, quais são seus sonhos, necessidades e formas de enfrentar os problemas, individualmente ou coletivamente. Neste sentido, Souza (2020) denomina os rappers como ativistas do movimento cultural Hip-Hop.

Sendo um grande ícone do rap nacional e um grande divisor de águas no movimento, Karol Conká (1987, 33 anos), estourou em 2015 com a música “Tombei” em parceria com o Tropkillaz, grande sucesso na época. Tornando-se referência inclusive para um outro movimento cultural conhecido como “Geração Tombamento” (BARROS, 2018, p. 3) que, assim como o Afrofuturismo, utiliza a moda e estilo para construir uma nova identidade e estética, ressaltando e valorizando a negritude da nova geração de mulheres e homens negros. Esses movimentos possuem aspectos políticos, econômicos e de classe. São como um seguimento e uma releitura do Black Power dos anos 1970. Assim como o estilo de Karol Conká, mulheres e homens negros da Geração Tombamento misturam a estética Hip-Hop com cabelos e maquiagens coloridas e muito brilho. Usam também turbantes e estampas que ajudam a construir a identidade afro-diaspórica (BARROS, 2020).

A Geração Tombamento trouxe à moda tanto urbana quanto cotidiana a ideia de Swag, uma palavra de origem shakespeariana que, no século XXI, é utilizada pelos jovens negros como uma gíria que significa “maneiro” (BARROS, 2018, p. 4). Dentro da cultura urbana do Hip-Hop, Swag é como um estilo de se vestir composto por bandanas, calças largas, camisas de times da NBA ou NFL, bonés de aba reta, modelos de tênis específicos

como os famosos Jordan da Nike, casacos da Adidas, óculos escuros, tranças e cordões de ouro. Todos esses elementos compõem estética e simbolicamente a identidade negra de quem faz parte da Geração Tombamento. Karol Conká aciona e performa identidades negras femininas que fazem parte desse movimento. Ela possui grande importância na trajetória da Mc Soffia. Isso porque o mundo conheceu Mc Soffia quando as duas se apresentaram na abertura dos Jogos Olímpicos de 2016.

Além da Karol Conká com “Já que é pra tombar, tombei”, Tássia Reis (1989, 30 anos), também tem potentes letras de empoderamento negro e feminino. Em “Preta D+” (2019) de seu álbum intitulado “Próspera”, ela canta:

“Vocês me disseram que não poderiam me contratar
Porque minha aparência divergia do padrão
(Que padrão?)
Que eu era até legal
Mas meu cabelo era crespo demais (crespo demais)
Talvez alisar seria uma solução
Não, não, não, não, não, não
Que eu tinha que me enxergar
Porque toda moça preta demais (preta demais)
Sabe que o seu destino é limpar chão (Chão)
A gente pode se pegar, mas, ó
Você cria expectativa demais (Cria demais)
Além do mais, eu amo a Becky do cabelo bom
Palavras cortam como facas
Dizem que a carne é fraca
Por isso eu sinto tanta dor
E apesar de tantos tapas
Dizem que aquilo que não mata
Fortalece o sofredor
O mundo tem que melhorar
Eu já mudei minha percepção
Agora eu sou preta demais
Mas, não na sua conotação
Eu sou demais, eu sou incrível
Eu sou demais e não sou invisível
[...]
Eu sou preta demais
[...]
Eu sou preta, preta, preta e também sou demais”

A letra de “Preta D+” além de se tratar de uma música de empoderamento feminino negro e aceitação, utiliza o que as mulheres negras vivenciam em relação às tentativas de emprego e relacionamentos amorosos para retratar suas experiências e sentimentos. Essa música é um exemplo de uma das principais características do rap: ressignificar termos e conceitos que possuem um tom pejorativo. Assim, “Preta demais” deixa de ser uma ofensa e passa a ser uma autoafirmação de orgulho e empoderamento. É importante destacar que Tássia Reis possui um corpo negro e gordo e isso influencia suas letras assim como influencia quem as escuta, fazendo com que suas músicas representem mulheres com vivências parecidas com as suas.

O Hip-Hop, em foco nesta iniciação científica, é um movimento cultural e não apenas um estilo de música. Segundo Ana Lucia Silva Souza (2020), mulher negra pós doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília, o Hip-Hop, para muito além da expressão inglesa hip (balançar) e hop (quadril), pode ser compreendido como um movimento social juvenil urbano. Integrado ao segmento populacional de baixo poder aquisitivo, em maioria negra e jovem, que historicamente alcançou impacto nos Estados Unidos a partir do final da década de 1970. Ainda hoje o universo Hip-Hop é marcado pela reflexão e crítica que faz em

relação às desigualdades sociais e raciais por meio da poesia, gestos, falas, leituras, escritas e imagens que tomam forma pela expressividade. Sendo a Rap parte da cultura Hip-Hop, ser rapper significa, então, possuir um caráter contestatório e propositivo que tematizam, do ponto de vista político, as precárias condições de vida de grande parte da população. Estar e ser da cultura Hip-Hop significa, portanto, disseminar as narrativas do cotidiano ao mostrar como vivem as pessoas, quais são seus sonhos, necessidades e formas de enfrentar os problemas, individualmente ou coletivamente. Neste sentido, Souza (2020) denomina os rappers como ativistas do movimento cultural Hip-Hop.

Sendo um grande ícone do rap nacional e um grande divisor de águas no movimento, Karol Conká (1987, 33 anos), estourou em 2015 com a música “Tombei” em parceria com o Tropkillaz, grande sucesso na época. Tornando-se referência inclusive para um outro movimento cultural conhecido como “Geração Tombamento” (BARROS, 2018, p. 3) que, assim como o Afrofuturismo, utiliza a moda e estilo para construir uma nova identidade e estética, ressaltando e valorizando a negritude da nova geração de mulheres e homens negros. Esses movimentos possuem aspectos políticos, econômicos e de classe. São como um seguimento e uma releitura do Black Power dos anos 1970. Assim como o estilo de Karol Conká, mulheres e homens negros da Geração Tombamento misturam a estética Hip-Hop com cabelos e maquiagens coloridas e muito brilho. Usam também turbantes e estampas que ajudam a construir a identidade afro-diaspórica (BARROS, 2020).

A Geração Tombamento trouxe à moda tanto urbana quanto cotidiana a ideia de Swag, uma palavra de origem shakespeariana que, no século XXI, é utilizada pelos jovens negros como uma gíria que significa “maneiro” (BARROS, 2018, p. 4). Dentro da cultura urbana do Hip-Hop, Swag é como um estilo de se vestir composto por bandanas, calças largas, camisas de times da NBA ou NFL, bonés de aba reta, modelos de tênis específicos como os famosos Jordan da Nike, casacos da Adidas, óculos escuros, tranças e cordões de ouro. Todos esses elementos compõem estética e simbolicamente a identidade negra de quem faz parte da Geração Tombamento. Karol Conká aciona e performa identidades negras femininas que fazem parte desse movimento. Ela possui grande importância na trajetória da Mc Soffia. Isso porque o mundo conheceu Mc Soffia quando as duas se apresentaram na abertura dos Jogos Olímpicos de 2016.

Além da Karol Conká com “Já que é pra tombar, tombei”, Tássia Reis (1989, 30 anos), também tem potentes letras de empoderamento negro e feminino. Em “Preta D+” (2019) de seu álbum intitulado “Próspera”, ela canta:

“Vocês me disseram que não poderiam me contratar
Porque minha aparência divergia do padrão
(Que padrão?)
Que eu era até legal
Mas meu cabelo era crespo demais (crespo demais)
Talvez alisar seria uma solução
Não, não, não, não, não, não
Que eu tinha que me enxergar
Porque toda moça preta demais (preta demais)
Sabe que o seu destino é limpar chão (Chão)
A gente pode se pegar, mas, ó
Você cria expectativa demais (Cria demais)
Além do mais, eu amo a Becky do cabelo bom
Palavras cortam como facas
Dizem que a carne é fraca
Por isso eu sinto tanta dor
E apesar de tantos tapas

Dizem que aquilo que não mata
Fortalece o sofredor
O mundo tem que melhorar
Eu já mudei minha percepção
Agora eu sou preta demais
Mas, não na sua conotação
Eu sou demais, eu sou incrível
Eu sou demais e não sou invisível
[...]
Eu sou preta demais
[...]
Eu sou preta, preta, preta e também sou demais”¹

A letra de “Preta D+” além de se tratar de uma música de empoderamento feminino negro e aceitação, utiliza o que as mulheres negras vivenciam em relação às tentativas de emprego e relacionamentos amorosos para retratar suas experiências e sentimentos. Essa música é um exemplo de uma das principais características do rap: ressignificar termos e conceitos que possuem um tom pejorativo. Assim, “Preta demais” deixa de ser uma ofensa e passa a ser uma autoafirmação de orgulho e empoderamento. É importante destacar que Tássia Reis possui um corpo negro e gordo e isso influencia suas letras assim como influencia quem as escuta, fazendo com que suas músicas representem mulheres com vivências parecidas com as suas.

Drik Barbosa (1992, 28 anos) tem em seu álbum “Espelho” (2018), uma música com participação da Stefanie. Na música que leva o título do álbum, “Espelho”, cuja composição, além das duas, inclui Emicida e Grou, elas cantam:

“[Drik Barbosa]
Eles dormem, eu faço planos
Sempre alerta, sem panos
Sem máscaras
Pego a coragem, juntas
Vamos
Sigo a viagem
Cada passagem faz história
Alcanço altos níveis
Pode me chamar de glória
Eu fiz da dor
Combustível pra minha volta
Sem meia volta, coração enche mais não lota
Se te incomoda, me olha torto mas inteira permaneço, ó
Pega sua cota que o que eu quero não tem preço, tó!
Nunca fui de ter dó, sempre me curei só
Perdi as contas de quantas venci com meu suor
Pago minhas contas, ando pronta pro melhor, sempre
Rego minhas plantas, levo vida onde vou, ventre
Sai de lá pra vir pra cá sem saber nada
Aprendi a nadar pra não me afogar nas mágoas
Cê consegue entender, faço da gota, rio
Chego e faço chover, meu copo num é vazio
Cheguei ficar confusa
Mas o amor me salvou rápido
Frieza me fez cacto, mantive o foco intacto
Dinheiro é problema cê você for problemático
Enterro só te lembra
Como o tempo é matemático
Por onde passei, deixei rastros de amor
Por onde passei deixei rastros de amor

¹ Tássia Reis. Preta D+ <<https://www.letras.mus.br/tassia-reis/preta-d/>>

Por onde passei, esquinas e vielas
Por onde passei
Caminhos tenebrosos eu sei
Sim, eu sei
O antídoto pra me curar (2x)
[Stefanie]
Lugares que fui, hoje não quero mais voltar
Vibe ruim que flui, muito já senti em volta
Isso não é desdém, descobri que fui refém
Nem tudo é amém, mas também nem quis me revoltar
Sorte que eu neguei, coca ia me viciar
Infeliz que vem nesse mundo pra aliciar
De longe flagrei olhares de malícia
Repúdio seu desejo de me acariciar
Foram tantas que me tornei pocas
Percas que dinheiro nenhum paga
Não me preocupo mais o que falam as bocas
Deixo oculto, só me ocupo com quem o mal não traga
Como negra li, tive medo mas nunca deixei a fé
Tive proceder veja que eu tô de pé
Me sinto melhor como ser humano e como mulher
Anjos me livraram não era minha hora
Muito a fazer nesse mundão a fora
Tenho amor a vida, agradecida
Vivo o agora [...]”²

Essa música, assim como a de Tássia Reis, retrata a vivência de duas mulheres negras, suas lutas e seus medos. Tudo o que passaram para chegar onde chegaram e as lições que elas tiraram disso. Nestas elas também falam de amor. E mulheres negras falando sobre amor é sempre revolucionário. “Muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor. Essa é uma das nossas verdades privadas que raramente é discutida em público” (Bell Hooks, 2000, p.188). Tanto “Preta D+”, quanto “Espelho” são músicas que retratam o que Bell Hooks ressalta no trecho de “Vivendo de Amor”.

Bell Hooks em “Vivendo de amor” (2000) abordou questões acerca da objetificação e hiper sexualização do corpo negro que fazem com que ele seja visto como um objeto sexual. A desumanização das mulheres negras faz com que elas sejam vistas como fortes e resistentes o tempo todo e conseqüentemente são privadas de afeto, atenção, cuidado, ajuda e amor. Por isso, as músicas aqui em análise possuem trechos como “A gente pode se pegar, mas, ó, você cria expectativa demais, além do mais, eu amo a Becky do cabelo bom” e “Nunca fui de ter dó, sempre me curei só, perdi as contas de quantas venci com meu suor” que relatam tanto o preterimento quanto a “Solidão da Mulher Negra”³.

A Solidão da Mulher Negra é uma vivência protagonista nas letras das rappers negras, visto que, é uma realidade compartilhada cotidianamente por elas. Este termo se faz presente na dimensão afetivo-sexual, tendo como eixo central seu preterimento, enquanto pretendente ao mercado matrimonial, pelo parceiro da mesma etnia.

[...] Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas ‘só corpo, sem mente’. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as ‘mulheres desregradas’ deviam ser controladas. Para justificar a exploração

² Drik Barbosa (part. Stefanie). Espelho <<https://www.letras.mus.br/drik-barbosa/espelho-part-stefanie/#album:espelho-2018>>

³ ALVES DA SILVA SOUZA, Claudete. A solidão da mulher negra – sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. (HOOKS, 1995, p. 469)

Já a Mc Soffia representa na cena do rap as meninas negras mais jovens e possui uma subjetividade diferente em sua narrativa. Nascida em São Paulo no dia 22 de fevereiro de 2004, ela tem atualmente 16 anos e desde seus 12, quando lançou o single *Menina Pretinha* (2016), faz um grande sucesso e possui uma carreira sólida, estável e próspera. Já fez capa de Revista, grandes campanhas publicitárias, participações em programas de TV e uma viagem internacional de grande importância onde visitou o festival Afropunk. Mc Soffia e suas músicas são inclusive citadas em livros didáticos e planos de aula. Sua agente é sua mãe, Kamillah Pimentel (10 de dezembro de 1985, 35 anos) que teve Soffia Gomes da Rocha Gregório Correia, nome verdadeiro da Mc Soffia, com 17 anos. Sendo mulher negra e mãe solo, Kamillah agencia a carreira de sua filha e trabalha como produtora cultural, além de também fazer parte das produções das músicas da Mc Soffia.

Com “*Menina Pretinha*” Mc Soffia já chegou na cena do rap mostrando qual era seu propósito: naturalizar a beleza do corpo negro. E ela consegue fazer isso tanto com a letra e ritmo quanto com o clipe que traz várias meninas negras de várias idades com seus crespos, seus lenços e seus turbantes. O marcante refrão da música “*Menina pretinha, exótica não é linda, você não é bonitinha, você é uma rainha*” (2016)⁴ foi um divisor de águas na cena do rap e na vida de meninas negras que puderam crescer tendo referências de construção de autoestima, quebrando a construção de autoódio estruturada através de gerações.

Quando Mc Soffia canta “*Minhas bonecas pretas, o que fizeram com elas?*”, ela resalta uma questão de grande pertinência já que uma das facetas do racismo é a falta de representatividade. Os brinquedos fazem parte desta questão, já que crianças brancas crescem brincando com figuras que se parecem com elas, diferente das crianças negras que não se veem nas brincadeiras. Nem mesmo, se veem nos desenhos animados, aparecendo nestes apenas de modo negativo e estereotipado. Este debate se mostrou evidente em “*Menina Pretinha*” que tem como principal propósito, promover o aumento da autoestima de meninas negras, nesse caso, principalmente as crianças. Para que, como Mc Soffia, estas possam crescer se sentindo bonitas e amáveis. Músicas como estas possibilitam um caminho potente para a construção de um mundo mais aberto à representação da diversidade.

“*Minha Rapunzel tem Dread*” (2016) do mesmo ano de “*Menina Pretinha*” também representou o que o trabalho da Mc Soffia significa na vida das meninas negras brasileiras. Com letra de Mc Soffia e participação Gram & Pedro Angeli na interpretação, essa música falou sobre representatividade mais abertamente e especificamente:

“Num conto de fadas a Rapunzel joga suas tranças
Na minha história, ela tem dread e é africana
Agora vou contar o meu conto para vocês
Como todas as histórias começa com era uma vez
Era uma vez uma princesa Rastafari que nasceu no reino de Sabá
Na minha história quem disse que a bruxa é má?
Meninas unidas pode tudo mudar
[...]

⁴ Mc Soffia. *Menina Pretinha* <<https://www.lettras.mus.br/mc-soffia/menina-pretinha/>>

Na minha história a Rapunzel tem dread
Ela é negra e é Rastafari
Não precisa de um príncipe pra se salvar
Ela é empoderada e pode tudo conquistar
O seu cabelo dread tinha força e poder
Sua beleza africana não tinha o que dizer
Essa história eu inventei porque não vi princesa assim
Só me mostraram uma, ai isso não dá pra mim
Princesa Etiópia, esse nome eu batizei
País que desfruta tudo que eu pesquisei
Estou muito feliz de ver a história acontecer
Crie uma princesa que pareça com você
Cri-Cri-Crie uma princesa que pareça com você
Crie uma princesa que pareça com você⁵
(...)"

Em “Minha Rapunzel Tem Dread”, é evidente o quanto Mc Soffia valorizou suas raízes ancestrais. Ao dizer “País que desfruta tudo que eu pesquisei”, Mc Soffia rompe com o conceito de História Única (Chimamanda Ngozi Adichie, 2014)⁶ que existe sobre a África ser um continente pobre e miserável por contarem apenas essa história sobre o continente. Contar apenas essa história sobre o continente Africano é também uma estratégia do racismo de manter as estruturas desiguais. Contar aos negros que eles vieram da escravidão e não da realeza é uma das maneiras de evitar reivindicação de direitos e lutas por direitos civis. Isso mostra a importância do rap, do movimento Hip-Hop e das mulheres negras fazendo parte disso. Já que essas músicas possuem mais alcance que os livros e contam histórias que os livros de história eurocêntricos e patriarcais não contam.

Já em “Barbie Black” (2018) Mc Soffia tinha 13 anos. Já estava, portanto, no início da adolescência e isso reflete na letra da música. Nessa, Mc Soffia traz preocupações além de tratar do empoderamento negro, ressaltando questões sobre padrões de gênero que fazem parte de sua subjetividade enquanto uma adolescente negra que estuda num colégio particular.

“Eu sou a Barbie Black
A boneca mais bonita daqui
Eu sou a Barbie Black
Eu sou a Barbie Black
Eu ando de skate, curto um trap
(...)
E nenhuma se compara a mim
(...)
Sou poderosa, sou uma diva
Barbie preta, Barbie linda, sou sim
(...)
Barbies do meu setor são todas iguaizinhas
Loiras, magras, ruivas, todas padrãozinhas
Também sou Barbie, e sei bem o que tô dizendo
Falta mais diversidade, falta se olhar no espelho
Por que eles fabricam todas iguais?
Se cada um é de um jeito, é assim que a gente faz
De todos os corpos e de todas as idades
Não vamos seguir padrões, vamos brindar a igualdade
(...)
Quem fala que boneca é só pra menina
Não, cê tá errado, sou pra todas criancinhas

⁵ Mc Soffia. Minha Rapunzel Tem Dread (ft. Gram, Pedro Angeli) <<https://www.letras.mus.br/mc-soffia/minha-rapunzel-de-dread/>>

⁶ O perigo da História Única é o título de uma palestra de Chimamanda Ngozi Adichie no TED Talks que mais tarde se tornou um livro com o mesmo título.

A separação de gênero é uma coisa antiga
Eu fui fabricada para alegrar sua vida
Independente da sua idade, da sua classe, da sua cor
Do seu gênero, sua opinião, o que vale é o amor
Chega de preconceito, ser feliz é um direito
Minhas amiga tão no peito, minha rima é um direito
Eu sou a Barbie gueto, me trate com respeito
Senão as Barbie da quebrada vão te dar um jeito
Meu tipo de Barbie escuta funk e dancehall
Ela não é fresquinha, ela é uma bad gal
Eu sou a Barbie Black
Eu sou a Barbie Black
Fechou?”⁷

Nessa letra, Mc Soffia canta que é uma “Barbie Negra”, fabricada para alegrar a vida das pessoas independentemente da idade, classe, cor e gênero. A letra revela a intenção de não apenas representar as meninas negras como também dizer que elas e todas as meninas podem fazer mais que brincar de boneca. Bem como, meninos podem brincar de boneca se quiserem. Quebrando assim os padrões de gênero impostos pelo machismo e estruturados pelo racismo.

Diante desses vários exemplos de mulheres na cena do rap, cada uma com seu corpo, sua idade e respectivas trajetórias, cada uma expressou uma mensagem. Seja, por meio da produção de álbuns, seja construindo carreiras de longa data apenas com singles. Todas elas, porém, ressaltaram em comum nas suas produções a importância de levantar a autoestima de mulheres negras. Por tanto, fica constatado que cada rapper negra contará uma história, trazendo as subjetividades construídas a partir do lugar que nasceram, cresceram e foram socializadas. Por meio de suas linguagens em suas canções, como com as gírias pode-se perceber as particularidades da região em que se localizam, geograficamente e socialmente. Por fim, sendo cantar a realidade que se vive a principal base do rap, as músicas entoadas por mulheres negras são fontes históricas para compreender diversos sujeitos e construir uma história ampla.

4 CONCLUSÃO

A historiografia foi e ainda é utilizada como ferramenta de manutenção de poder dos detentores de privilégios, muitas vezes, promovendo apagamento e reforçando estereótipos de grupos colocados a margem. Para estas amarras brancas, patriarcas e eurocêntricas serem quebradas se faz necessário pesquisas científicas que evidenciem vozes múltiplas. Para isto é preciso ampliar as fontes históricas e métodos de construção do conhecimento de história que leve em conta outras experiências sociais. Fazemos isso a partir do reconhecimento de que com políticas públicas promovidas graças a luta do movimento negro que possibilitou o Programa de Cotas Raciais nas Universidades, bem como a Lei 10.639/03 que trouxe outros olhares para a produção da historiografia, inclusive as vozes das mulheres negras que por muito tempo foram vistas como objetos para a narrativa histórica e não como sujeitas de suas histórias.

REFERÊNCIAS

ALVES DA SILVA SOUZA, Claudete. **A solidão da mulher negra** – sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

⁷ Mc Soffia. Barbie Black <<https://www.letras.mus.br/mc-soffia/barbie-black/>>

BARROS, Maria Beatriz dos Santos. **Causando um Tombamento**: Karol Conká e uma negritude empoderada possível. IN: III Jornada Internacional GEMinis. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Maria-Beatriz-Barros/publication/331788005_CAUSANDO_UM_TOMBAMENTO_KAROL_CONKA_E_U_MA_NEGRITUDE_EMPODERADA_POSSIVEL/links/5c8bc525299bf14e7e7e4486/CAUSANDO-UM-TOMBAMENTO-KAROL-CONKA-E-UMA-NEGRITUDE-EMPODERADA-POSSIVEL.pdf. Acesso em: 15 de junho de 2021.

HOOKS, B. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Mailsa; WHITE, Evelyn. (orgs). **O livro da saúde das mulheres negras**: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2000.

NGOZI ADICHIE, CHIMAMANDA. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, Ana Lucia Silva. **Letramentos de resistência** = culturas e identidades no movimento hip hop. 2009. 219 p. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269280>> Acesso em: 17 de jul. 2020.